



A entrevista sociolinguística como locus de significados socioestilísticos: categorias macrossociológicas, identidade local e individual

The sociolinguistic interview as *locus* of socio-stylistic meanings: macro-sociological categories, local and individual identity

Carla Regina Martins Valle*
Edair Maria Görski**

RESUMO: O presente trabalho busca: i) propor, à luz das três ondas dos estudos variacionistas (ECKERT, 2012), redimensionamentos metodológicos para lidar analiticamente com informações de caráter social, identitário e estilístico que emergem de entrevistas sociolinguísticas; e ii) aplicar a proposta no tratamento do uso variável de marcadores discursivos (MDs), discutindo a relação desses itens com categorias macrossociológicas, socioculturais locais e individuais. Com base em uma reanálise de dados de fala de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil (VALLE, 2001, 2014), foi possível: i) dar visibilidade a informações contidas nas entrevistas que permitiram a construção de variáveis extralinguísticas conectadas com demandas específicas (da comunidade e/ou do fenômeno analisado); e ii) mostrar, por meio da análise do uso variável de MDs, como o significado social se desloca das categorias

ABSTRACT: This paper aims to: i) propose, in the light of the three waves of the variationist studies (ECKERT, 2012), methodological reconfigurations to analytically deal with social, identity and stylistic informations that emerge from sociolinguistic interviews; and; ii) apply the proposal in the treatment of variable use of discourse markers (DM), arguing about the relationship of these items with macrossociological, local sociocultural and individual categories. Based on a speech data reanalysis of individuals from Florianópolis city, Santa Catarina, Brazil (VALLE, 2001; 2014), it was possible to: i) highlight the information contained in the interviews that allowed the construction of extra-linguistic variables connected with specific demands (of the community and/or of the studied linguistic phenomenon); and ii) show, through DM variable use analysis, how the social meaning moves from the

* Pós-doutora em Linguística (UFSC). Professora colaboradora do Departamento de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). carlavalles10@gmail.com

** Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. edagorski@hotmail.com

macrossociológicas para categorias demográficas e socioculturais locais, passando a ser associado fortemente a aspectos identitários e estilísticos.

macro-sociological categories to local demographic and sociocultural categories, becoming strongly associated with identity and stylistic aspects.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista sociolinguística. Três ondas. Identidade e estilo. Marcadores discursivos. Indexicalidade.

KEYWORDS: Sociolinguistic interview. Three waves. Identity and style. Discourse markers. Indexicality.

1. Introdução

Neste artigo, com base nos trabalhos de Valle (2001, 2014) – que analisou, sob uma perspectiva variacionista, o uso de marcadores discursivos interacionais em entrevistas sociolinguísticas –, discutimos a relação entre o uso variável de marcadores e macrocategorias sociais, reexaminando dados à luz de fatores identitários e estilísticos. Tal tarefa leva em conta o fato de que agendas emergentes da sociolinguística sugerem um realinhamento da área, considerando as mudanças observadas na sociedade contemporânea e o modo como a sociologia tem se reorientado nos últimos anos, e também os interesses da antropologia linguística, que tem colocado como central a identidade e a dimensão política/ideológica da linguagem na vida social (GUMPERZ; COOK-GUMPERZ, 2008).

Se, na década de 1960, a sociedade com a qual Labov lidava em seus estudos fundantes da área parecia hierarquicamente mais estruturada, através de divisões de classe social, região, gênero, raça etc., a sociedade da pós-modernidade (ou modernidade tardia) caracteriza-se por fragmentação, contradição e grande mobilidade geográfica, social e virtual, o que requer teoria e métodos de pesquisa renovados. Não basta mais acionarmos a variação nos planos diatópico, diamésico, diastrático e diafásico, buscando enquadrar os sujeitos ou classificá-los em categorias preestabelecidas. Além disso, é importante tentar entender como os sujeitos se percebem em relação às diversas comunidades com as quais se relacionam e como tal percepção contribui para a constituição de suas múltiplas identidades. Nesse sentido,

a noção de estilo – que pode abarcar vários recursos simbólicos, incluindo a linguagem – e as atitudes de pertencimento e identidade a determinados grupos e/ou comunidades tornam-se o centro dos estudos sociolinguísticos na pós-modernidade (COUPLAND, 2007).

Em face desse cenário, o questionamento de Rampton (2006) mostra-se bastante pertinente:

O que acontece [...] quando as humanidades e as ciências sociais passam a focalizar novos tópicos e há um crescimento de interesse em fluxos culturais, em fronteiras e margens em vez de centros, e em incertezas e ambivalências? [...] O que acontece se o antiessencialismo penetra as discussões, e começamos a nos perguntar se os sentimentos de pertencimento a grupos não são socialmente construídos no aqui e no agora? (RAMPTON, 2006, p. 120).

O quadro descrito nos oferece abertura para lançar algumas questões relacionadas ao significado social das formas linguísticas: diante dos novos interesses da área, que reconfigurações metodológicas são necessárias? Qual o papel das entrevistas sociolinguísticas e que informações de caráter social, identitário e estilístico podem delas emergir? Como tais informações podem ser usadas na análise de fenômenos linguísticos?

Tendo essa contextualização como pano de fundo, este texto se organiza da seguinte forma: a segunda seção trata do significado estilístico no âmbito da sociolinguística variacionista, situando-o na perspectiva das três ondas dos estudos variacionistas (ECKERT, 2005, 2012, 2016); a terceira contempla a relação entre marcadores discursivos (MDs) e identidade; na quarta, a discussão fica restrita ao uso variável de marcadores discursivos interacionais na fala de Florianópolis, com contextualização das amostras analisadas, delimitação do envelope de variação (considerando-se a problemática que envolve o tratamento variacionista de itens de

natureza discursiva), apresentação e discussão de dados, levando-se em conta macrocategorias sociais, identidade local e o indivíduo.

2. O significado estilístico no âmbito da sociolinguística variacionista

A variação linguística, a variação social e a variação estilística constituem uma “interface” da variação sociolinguística (HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016). Ao longo dos anos, a relação entre essas três facetas da variação tem se alterado de modo significativo, o que pode ser verificado na sistematização proposta por Eckert (2005, 2012, 2016) dos estudos variacionistas em três ondas, ou fases, as quais não são excludentes.

Resumidamente, a primeira onda dos estudos variacionistas (a chamada era *survey*) se caracteriza por estabelecer correlações amplas entre variáveis linguísticas e categorias macrossociológicas predeterminadas (classe socioeconômica, sexo, idade e etnia), de acordo com a vertente clássica da sociolinguística variacionista que segue basicamente a orientação laboviana, tomando como locus de análise a comunidade de fala. O interesse principal é na relação entre a variação linguística e a estratificação social dos falantes, em busca de padrões sociolinguísticos regulares e seu impacto na mudança, com base em análises quantitativas. A variação estilística é atrelada ao nível de formalidade refletido em alternâncias de estilos contextuais¹ na entrevista sociolinguística, e interessa à medida que é correlacionada com a variação social. O estilo é associado a graus de atenção à fala e ao significado social, além de ser considerado como relativamente estático, atrelado a macrocategorias, e também percebido nos valores de prestígio e estigma atribuídos pelas comunidades de fala às formas em variação.

¹ Fazemos a seguinte distinção entre “alternância estilística” e “variação estilística”: a primeira diz respeito às trocas de estilo que um mesmo falante produz em sua fala (alternando trechos de fala mais formal e menos formal – o que Labov identifica como “estilos contextuais”); a segunda concerne a fenômenos linguísticos variáveis que são condicionados por fatores de natureza estilística.

Os estudos de segunda onda colocam em evidência a identidade local. A abordagem é de viés etnográfico e voltada a comunidades menores, buscando captar a dinâmica local da variação. O significado social se desloca das categorias macrosociológicas para categorias demográficas e socioculturais locais, passando a ser associado fortemente a aspectos identitários. O uso de traços vernaculares é considerado como expressão de identidade local ou de classe/grupo, recebendo uma valoração positiva nesse meio (embora possa ser estigmatizado em nível mais global). O estilo é visto como atos de afiliação.

Eckert (2005) considera a pesquisa pioneira de Labov (2008 [1972]) sobre a mudança sonora na posição fonética da vogal nos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Marthas' Vineyard (Massachusetts) como representativa da segunda onda. Esse trabalho evidenciou que a identidade dos falantes como vineyardenses, associada ao sentimento de pertencimento à ilha, e a adesão à cultura local mostraram-se mais significativas em relação ao fenômeno linguístico variável do que os fatores sociais clássicos (sexo/gênero, faixa etária, nível socioeconômico, etnia) e a alternância de estilos contextuais nas entrevistas. Além da realização de entrevistas sistemáticas e de anotações de campo, foram feitos levantamentos documentais acerca da história social da ilha – materiais relevantes para o autor entender o funcionamento da variável e interpretá-lo com base na identidade local.

Nos estudos de terceira onda, a variação deixa de ser vista como reflexo de categorias e identidades sociais e passa a ser compreendida com base em práticas estilísticas dos falantes no cenário social. A noção de indexicalidade ganha relevo. O estudo de Labov sobre Martha's Vineyard acima referido, por exemplo, pode ser visto também como um precursor da terceira onda, uma vez que o autor indexicaliza a variante centralizada a um certo posicionamento dos moradores (atitude positiva ou negativa em relação à ilha) no conflito ideológico local que opõe a ilha ao continente.

Nesse sentido, a centralização da vogal dos ditongos analisados significa um “tipo específico de vineyardense” e não apenas “vineyardense” (ECKERT, 2016).

Os estudos de terceira onda são associados, por alguns autores, a abordagens da variação estilística chamadas *speaker design* (SCHILLING, 2013). O estilo é visto como construção e projeção de *personas*, em outras palavras, a variação estilística é usada para construir e projetar as identidades dos falantes, sendo fortemente motivada pelo ponto de vista do indivíduo sobre seu lugar no mundo e sobre sua relação com outros grupos, em um contexto em que diversos sistemas ideológicos e culturais compõem o cenário social. Nos termos de Coupland (2007, p. 112²), “[p]rojeções de identidades podem ser direcionadas a identidades de pessoas enquanto indivíduos, ou a suas identidades enquanto membros de grupos sociais”³. O falante deixa de ser visto como reativo, e o foco recai sobre sua agentividade e criatividade. Identidade e estilo deixam de ser tomados como categorias fixas e passam a ser concebidos como categorias dinâmicas (ECKERT, 2000, 2001, 2012, 2016).

Observa-se que, ao longo dos estudos nas três ondas, a dimensão estilística da variação vai sendo reposicionada no âmbito da variação sociolinguística: de lugar periférico e a reboque de macrocategorias sociais (primeira onda), em que atua como parâmetro correlacional independente, passa a receber mais destaque ao ser associada a categorias demográficas e socioculturais locais, expressando significados identitários de grupo (segunda onda) e, por fim, confunde-se com a própria variação linguística, sendo colocada como ponto central nos estudos de práticas estilísticas em que os indivíduos se projetam no cenário sociocultural (terceira onda). O tipo de análise também sofre modificações: a interpretação qualitativa da variação vai ganhando espaço numa abordagem cada vez mais multidimensional. Os traços linguísticos

² As traduções ao longo do texto são de nossa responsabilidade.

³ “Identity projections can be targeted at people’s identities as individuals, or at their identities as members of social groups”.

deixam de ser vistos como indexadores de *categorias sociais* (sejam macrocategorias sociológicas, sejam categorias de grupos) e passam a ser tomados como indexadores de *significados sociais*, que são concebidos como múltiplos, negociados e dependentes de questões identitárias que se manifestam no uso variável das formas por uma determinada comunidade ou grupo social, ou mesmo por um indivíduo. É nesse cenário que nos propomos a examinar os MDs.⁴

3. Marcadores discursivos e identidade

Marcadores discursivos são itens multifuncionais que operam simultaneamente em vários domínios comunicativos (cognitivo, textual, social e expressivo), contribuindo para a coesão e a coerência discursiva (SCHIFFRIN, 1987, 2001). São itens que “amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também como estrutura de interação interpessoal” (URBANO, 1997, p. 86). No plano textual, atuam notadamente como elementos articuladores de segmentos de texto; no plano interativo, sinalizam relações interpessoais. Entre esses últimos, situam-se os itens reunidos sob a denominação de “requisitos de apoio discursivo” – RADs (SILVA; MACEDO, 1996; VALLE, 2001, 2014) –, que atuam “no discurso oral como elementos focalizadores, dando relevo a certas partes do texto/discurso e contribuindo tanto para a interação falante-ouvinte, quanto para a organização discursiva” (VALLE, 2014, p. 230). Sob o escopo dos RADs podem ser agrupados inúmeros itens, como: *né?, tá?, sabe?, entendeu?, viu?, compreende?, não é mesmo?, certo?, não tem?, ok?, tá ligado?, beleza?*.

A relação entre o uso de marcadores discursivos (particularmente os marcadores interacionais) e categorias macrosociológicas é bastante controversa, ao mesmo tempo em que parece indicar um direcional de análise: enquanto algumas pesquisas mostram a frágil ou inexistente influência de macrocategorias sociais no uso

⁴ Cf. Seção 4.

desses itens linguísticos, outras apontam para o uso de certos marcadores na constituição da identidade de grupos e, ainda, para o papel do indivíduo como agente de suas escolhas. Alguns desses estudos são brevemente apresentados nesta seção.

Müller (2005), interessada na aquisição de L2, empreende pesquisa quantitativa sobre o uso dos MDs *so*, *well*, *you know* e *like* entre falantes nativos (americanos e britânicos) e falantes não nativos (alemães) de inglês, controlando fatores que poderiam atuar como condicionadores no uso e na distribuição desses itens, tais como sexo, idade e relação entre os falantes. Os resultados obtidos para *you know* (uso aproximado a *sabe?* e/ou *entende?*) sugerem não haver influência significativa dos fatores sociais controlados no uso desse marcador. Stubbe e Holmes (1995 apud MÜLLER, 2005) também dão foco para a variação social de *you know* e de outras expressões discursivas no corpus de fala *Wellington*, do inglês da Nova Zelândia. Seus achados indicam que classe social, idade e sexo isoladamente não têm nenhum efeito significativo sobre a frequência de *you know*. Assim, como veremos na seção seguinte em relação aos resultados de Valle (2001, 2014) para os RADs, as macrocategorias sociais clássicas parecem não dizer muito em relação a itens dessa natureza, cujo papel tem sido relacionado, em pesquisas mais recentes, a aspectos identitários. Os trabalhos mencionados a seguir – sobre o francês, o espanhol, o italiano, o inglês e o português – ilustram o uso de marcadores discursivos na constituição de identidades, seja de grupos, seja de indivíduos.

No francês, Beeching (2007) associa o uso de *enfin*, *quoi* e *bon* a uma identidade moderna, já *c'est-à-dire* é associado a uma identidade de tradição, enquanto os demais MDs, *hein*, *quand même* e *si vous voulez*, apresentam-se neutros. Na mesma direção, Bucholtz (2009, p. 165) assinala que o uso de *güey* (cara) por homens jovens mexicanos não está somente relacionado a um comportamento de sexo/gênero ou à construção de uma identidade masculina, como outros trabalhos afirmaram. Agregado a outros recursos semióticos como a prosódia, o gesto, a postura, o vestuário, o interesse por

certos tópicos discursivos e por certos bens de consumo (como celulares e câmeras), *güey* é usado pelos jovens mexicanos para algo maior: “[...] estabelecer status e solidariedade em relação ao seu grupo social”⁵

Carranza (2012) faz o mesmo movimento dos autores supracitados, relacionando o uso de certos MDs a determinados grupos de falantes argentinos – *pronto* ligado a adultos seguidores da moda em grandes centros urbanos, *o sea* empregado por personagens caricaturescos, *¿sí?* (em posição final) associado aos jovens e *nada* vinculado a uma identidade jovem, atualizada e despreocupada de grandes cidades argentinas. Contudo, a autora vai além ao afirmar que “[a] associação regular de um marcador com certa tarefa discursiva e certo alinhamento em relação ao destinatário, que são típicos de um papel ou de uma identidade social, eventualmente transforma o marcador em um índice que evoca esse papel ou identidade”⁶ (p. 32). Como índice⁷, tal marcador, combinado com outros recursos (linguísticos ou não linguísticos), pode se tornar responsável por evocar indiretamente certos aspectos da identidade do falante e de sua relação com seus interlocutores que estão além do momento de interação, em níveis macrossociais (ideológicos, por exemplo), ou seja, que vão além das camadas de significado social que se estabelecem no aqui e agora.

Exemplo desse tipo de associação entre marcadores e identidade também é encontrado no trabalho de Núñez (2011)⁸, que investiga as funções e o comportamento

⁵ “[...] to establish both status and solidarity in relation to their social group.”

⁶ “[...] La asociación regular de un marcador con cierta tarea discursiva y cierto alineamiento respecto del destinatario, que son típicos de un rol o una identidad social, eventualmente transforma al marcador en un índice que evoca ese rol o identidad.”

⁷ Para tomar os MDs como índices de identidade, Carranza (2012) se pauta no conceito de “indícios de contextualização”, segundo o qual certos recursos gramaticais, lexicais, prosódicos, estilísticos, gestuais etc. podem evocar contextos que fazem com que o texto interacional seja interpretado de uma determinada maneira.

⁸ O autor utiliza uma amostra do espanhol coloquial de Santiago, no Chile, composta por 54 informantes estratificados em sexo, idade (20 a 34, 35 a 54 e mais de 55 anos) e escolaridade (básico, secundário e superior) que integram o corpus do “Proyecto para El Estudio Sociolingüístico del Español de España y América (PRESEEA)”.

sociolinguístico de marcadores interacionais em variedade chilena de espanhol, encontrando 1.007 ocorrências de 12 tipos de marcadores: *¿cachái?* (86,7 %); *¿ya?* (4,4 %); *¿a?* (2,6 %); *¿no?* (2,5 %); *¿me entiendes?* (1,1 %); *¿no cierto?* (1 %) e ainda outros marcadores como *¿entiendes(dí)?*, *¿cierto?*, *¿viste?*, *¿te has fijado?*, *¿te fijas?* e *¿sí?* (que juntos somam menos de 1 %). O marcador mais frequente entre todos os analisados, *¿cachái?*, deriva de *cachar*, verbo de cognição no espanhol chileno que significa *suspeitar, entender, compreender*. Trata-se de um anglicismo, segundo Núñez, já que sua origem está no verbo inglês *to catch* (agarrar).

Nesse estudo, embora sexo e idade tenham se apresentado como os condicionadores extralinguísticos mais importantes na análise – já que o uso de *¿cachái?* é quase categórico entre os mais jovens, mais ainda entre os homens jovens –, uma das contribuições mais interessantes do trabalho é mostrar que o uso de *¿cachái?* parece ser, de fato, motivado por questões de identidade. A ausência desse marcador na fala dos informantes com mais de 55 anos, os quais preferem as formas *¿ya?*, *¿a?* e *¿no?*, e sua presença massiva na fala dos homens jovens (entre 20 e 34 anos), com o concomitante desaparecimento das demais formas, evidencia um comportamento de grupo. Núñez (2011) acrescenta ainda que *¿cachái?* estaria operando como um indicador de vernacularidade, já que é fortemente associado à fala chilena. Tal marcador, ainda que estigmatizado por puristas e defensores da norma culta, receberia, segundo o autor, uma espécie de “prestígio encoberto” entre os falantes jovens do sexo masculino de escolaridade baixa.

No Brasil, merece destaque o trabalho de Bentes e Mariano (2013) sobre a “linguagem dos manos”, que analisa os MDs em diferentes situações comunicativas: usados pelo *rapper* Mano Brown em três contextos distintos – fala pública, depoimento no carro para uma jornalista e entrevista televisiva sobre temas sociais –, e usados por ele e outros dois *rappers* (Ferréz e MC Ysão) em discussão informal entre amigos sobre tema controverso. As autoras encontraram diversos marcadores orientadores da

interação (*ó, sabe, ah, entendeu?, pô, né?, tá ligado?, certo?, morô?, firmeza?*, entre outros), dentre os quais *tá ligado?* é aquele que apresenta os resultados mais interessantes, tendo seu uso atrelado a aspectos identitários e também estilísticos. Comparando as situações comunicativas acima mencionadas em relação ao uso de *tá ligado?*, as autoras constataram que i) esse é o item mais usado em contextos informais, como é o caso do depoimento e da discussão entre amigos, em que Mano Brown se apresenta mais relaxado; ii) no caso dos três amigos, o uso de *tá ligado?* é muito frequente entre os dois *rappers* expostos à mídia (Mano Brown e Ferréz), parecendo ter forte marcação identitária entre eles, mas não é usado pelo *rapper* menos exposto à mídia (MC Ylsão). Para explicar tal comportamento, as autoras levantam a hipótese de que “embora iconizado por figuras públicas, o MD *tá ligado?* não é tão usado por aqueles membros do grupo social que ele supostamente indicia” (p. 156). Por fim, sugerem que o uso de *tá ligado?* e a alta frequência dos MDs em geral poderiam ser tomados entre as características dos registros populares urbanos paulistas.

Até esse ponto, temos evidenciado que parece haver uma correlação recorrente entre o uso de marcadores interacionais e determinados grupos sociais que se vinculam não por características intrinsecamente comuns, mas sim por práticas partilhadas. No entanto, cabe acrescentar um ingrediente para o entendimento de tal problemática, algo que tem escapado das análises até então: o indivíduo.

A esse respeito, Macaulay (2002), em pesquisa quantitativa sobre *you know* com dados de falantes de escocês, observa que esse marcador, de modo geral: i) tem uso variável entre indivíduos de origens semelhantes, sendo que alguns raramente o usam, enquanto outros o utilizam com muita frequência; ii) é mais frequente em conversas entre conhecidos do que entre estranhos; iii) é mais usado por mulheres do que por homens; iv) não é muito comum entre os adolescentes; v) não apresenta diferenças expressivas em relação à classe social; vi) parece não ter seu uso baseado prioritariamente em pressupostos de conhecimento compartilhado, mas ser parte do

estilo discursivo do falante e da organização rítmica das informações, principalmente quando posicionado em final de enunciado. O autor considera que uma noção mais clara sobre o uso de *you know* depende de um olhar mais detalhado para os indivíduos e não apenas para os resultados do grupo.

Os estudos referidos nesta seção apontam que itens discursivos podem desempenhar um importante papel na caracterização da fala de determinada comunidade, de grupos de falantes e de indivíduos.

4. Marcadores discursivos na fala de florianopolitanos

A seguir, na primeira subseção descrevemos as amostras analisadas por Valle (2001 2014), caracterizando as comunidades envolvidas e delimitando o envelope de variação; na segunda, fazemos uma breve retomada dos trabalhos da autora, focalizando a atuação de macrocategorias sociais; na terceira, revisitamos alguns dados, interpretando-os como reveladores de identidade local; e na quarta, atrelamos os RADs à construção de *persona*.

4.1 Contextualizando as amostras e delimitando o envelope de variação

A amostra Varsul/Florianópolis foi coletada na década de 1990, sendo composta por 36 entrevistas sociolinguísticas com informantes nascidos na capital catarinense e residentes na zona urbana, cujos pais também nasceram nessa cidade. Os informantes são estratificados por sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (de 15 a 21 anos; de 25 a 49 anos; e acima de 50 anos) e escolaridade (primário – até quatro anos de escolarização; ginásial – de cinco a oito anos de escolarização; e colegial – de nove a onze anos de escolarização). Cada célula social é constituída por dois informantes⁹.

⁹As entrevistas do Varsul (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) foram realizadas por bolsistas de iniciação científica, devidamente treinados nos moldes da entrevista sociolinguística laboviana, e por professores que atuavam no projeto de pesquisa à época. Maiores informações sobre o Banco de dados Varsul podem ser acessadas no site: varsul.org.br.

A organização social de Florianópolis tem sofrido forte impacto com a crescente entrada de turistas e novos moradores na cidade ocorrida nos últimos anos¹⁰, o que contribui para torná-la uma cidade de intensos contrastes. Nas palavras de Pagotto:

De fato, a grande questão para Florianópolis hoje é a da *identidade*. Cidade turística, cidade moderna, zona rural, vila de pescadores, cidade de funcionários públicos, paraíso perdido, ilha da magia, cidade de migrantes, pólo de herança açoriana no sul (PAGOTTO, 2001, p. 9, grifo nosso).

O contraste entre nativos e novos moradores se faz presente especialmente em regiões menos urbanas, como é o caso da Barra da Lagoa¹¹, comunidade pesqueira localizada a cerca de 20 km do centro urbano e situada na costa leste da ilha. De acordo com Valle (2014), moradores locais relatam que, a partir de 1930, os pescadores locais começaram a alterar os períodos de pesca artesanal na vila com pesca em outros polos maiores, principalmente em Rio Grande-RS. Como a maioria dos homens passava longos períodos fora da comunidade, as mulheres assumiam o comando da casa, trabalhando na lida das pequenas lavouras, fazendo renda, consertando redes, lavando roupa e cuidando dos filhos – era a chamada “Barra de antigamente”.

A localidade sofreu mudanças importantes ao longo dos anos e que permanecem até os dias de hoje, como a construção de uma ponte pênsil no “centrinho” da Barra na década de 1960, e do molhe em 1982 – que permitiu que o canal (que liga a Lagoa da Conceição ao mar) permanecesse aberto o ano todo, possibilitando o acesso de barcos. Essas melhorias voltaram a estimular a pesca no local que, apesar de atualmente estar em declínio, manteve por muitos anos a

¹⁰ A Ilha de Santa Catarina é marcada por colonização açoriana e madeirense (século XVIII), que, ao lado de vicentistas (século XVII), iniciaram o povoamento da região.

¹¹ O povoamento estabelecido na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, a partir do século XVIII, deu origem ao assentamento populacional em torno de toda a Bacia da Lagoa da Conceição, incluindo o povoado da Barra da Lagoa que, cortado por um canal de ligação entre lagoa e mar, atraiu aqueles que se estabeleceram em torno de atividades pesqueiras (CLARAMUNT, 2008).

identidade pesqueira do lugar. A transformação mais significativa, contudo, foi a construção da rodovia SC-406, em meados da década de 1970, e seu asfaltamento no início dos anos 1980. A partir de então, a organização urbana e social do bairro é afetada fortemente por dois movimentos: i) a intensificação do fluxo turístico, com a progressiva substituição da atividade pesqueira por atividades ligadas ao turismo, como fonte de renda complementar; e ii) a chegada de moradores de outros estados, principalmente paulistas e gaúchos, para fixar residência no local. Nesse cenário, a dicotomia entre “os de dentro” (nativos) e “os de fora” (novos moradores) (FANTIN, 2000) parece, à primeira vista, bastante evidente. Há que se considerar, no entanto, que tal polarização deve ser relativizada, uma vez que os indivíduos assumem identidades múltiplas e provisórias (HALL, 2005).

A Barra da Lagoa é o lócus da amostra Brescancini-Valle, constituída em duas etapas, 2000 e 2010, reunindo entrevistas com 45 informantes, das quais 30 foram analisadas por Valle (2014)¹². O perfil dos entrevistados não se apresenta de forma homogênea por célula social, seja pela exclusão de alguns dos informantes gravados, seja pelas próprias características sociodemográficas da comunidade. A amostra é composta por 17 mulheres e 13 homens. A distribuição por faixa etária é relativamente equilibrada: 10 jovens (14 a 28 anos), 11 de faixa intermediária (33 a 48 anos) e nove mais velhos (51 a 83 anos). O grau de escolaridade, entretanto, é bastante irregular pelas faixas etárias, refletindo as características socioculturais da comunidade: todos os jovens têm nível colegial ou superior; na faixa de idade intermediária, não há homens com escolaridade baixa; na faixa dos mais velhos, não há informantes com nível colegial.

As amostras Varsul/Florianópolis e Brescancini-Valle também apresentam um diferencial no encaminhamento das entrevistas sociolinguísticas realizadas. As

¹² Apenas 30 das 45 entrevistas compuseram a amostra analisada porque 15 informantes produziram menos de cinco dados (RADs) cada um.

primeiras buscam se aproximar do formato das entrevistas labovianas, sendo desenvolvidas com base em um roteiro geral de assuntos, porém com relativa liberdade do entrevistador, no sentido de atenuar a artificialidade da situação de entrevista. As segundas são conduzidas por Brescancini (moradora de fora da comunidade) e por Valle (moradora local), com o objetivo de propiciar uma conversa sobre a história da comunidade, sobre a relação dos moradores com o turismo, sobre a identidade local, entre outros tópicos particularmente relevantes aos entrevistados, o que permitiu que certas entrevistas fossem praticamente governadas pelo informante. (VALLE, 2014; VALLE; GÖRSKI, 2014).

Foi nas amostras acima descritas, respectivamente, que Valle (2001, 2014) analisou os RADs numa perspectiva variacionista¹³. Como já dito, o grupo desses marcadores é relativamente amplo e de origem diversificada, o que é um elemento complicador para a delimitação do envelope de variação. No caso, trata-se de uma variável discursiva, fato que demanda não só o realinhamento do critério de comparabilidade semântica para comparabilidade ou equivalência funcional no discurso¹⁴, como também o arranjo de mecanismos metodológicos adequados para lidar com a multifuncionalidade característica dos itens discursivos (GÖRSKI; VALLE, 2016)¹⁵. A ideia de comparabilidade ou equivalência funcional no discurso remete à

¹³ O trabalho de Valle (2001) foi pioneiro na análise variacionista de RADs, considerando a multifuncionalidade e o uso variável dos itens *sabe?*, *entende?* e *não tem?* na fala florianopolitana. Antes disso, o estudo sociolinguístico de Silva e Macedo (1996) propôs uma classificação geral dos marcadores, englobando, entre outros, os RADs (*né?*, *tá?*, *sabe?*, *entendeu?* etc.) e os “iniciadores” (*bom*, *bem*, *olha*, *ah* etc.), com base em amostra estratificada da cidade do Rio de Janeiro (Projeto Peul). As autoras, no entanto, não trataram o fenômeno como uma variável constituída por um conjunto de formas variantes; a variação discursiva foi associada a usos tipificados em funções (RADs, *iniciadores* etc.) e não a ocorrências dentro de cada tipo. Em relação a fatores sociais, no caso dos RADs, o estudo mostrou que não houve diferenças significativas em relação à estratificação social dos informantes.

¹⁴ (cf. LAVANDERA, 1978; ROMAINE, 1984; TAGLIAMONTE, 2006; TERKOURAFI, 2011, entre outros).

¹⁵ Um alinhamento teórico-metodológico entre a Teoria da Variação e Mudança e a abordagem funcionalista da gramaticalização tem sido proposto sob o rótulo de sociofuncionalismo (cf. TAVARES, 2003; VALLE, 2014; GÖRSKI; TAVARES, 2013, 2017; TAVARES; GÖRSKI, 2015, entre outros).

noção de domínio funcional, entendido, *grosso modo*, como uma função comunicativa. Tal noção é atrelada, por Hopper (1991), ao princípio da estratificação: “dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. Quando isto acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as novas camadas”¹⁶. (HOPPER, 1991, p. 22). Numa aproximação entre as abordagens variacionista e funcionalista, pode-se dizer que formas variantes de uma variável linguística assemelham-se a camadas integrantes de um mesmo domínio funcional. No que diz respeito ao domínio funcional em tela, coloca-se a seguinte questão: todas as formas que desempenham essa função comunicativa e que atuam como camadas nesse domínio podem ser tratadas como variantes de uma mesma variável?

Valle (2014) sugere quatro critérios que orientam um recorte mais preciso dos RADs: i) critério de unidade funcional e de compartilhamento de contextos de uso (mesmo domínio funcional: *né?, tá?, sabe?, entendeu?, viu?, compreende?, não é mesmo?, certo?, não tem? ok?, tá ligado?, beleza?*); ii) critério de unidade conceptual e de classe gramatical de origem¹⁷ (agrupa os verbos de cognição *sabe?, entendeu?, viu?, compreende?*); iii) critério de relevância do item para a comunidade investigada (insere *não tem?*)¹⁸; e iv) critério de frequência de uso dos itens (restringe o conjunto a *sabe?, entendeu?* e *não tem?*)¹⁹. Submetidos os dados a esses critérios, o recorte filtra *sabe?, entendeu?* e *não tem?*¹⁹.

¹⁶ “Within a broad functional domain, new layers are continually emerging. As this happens, the older layers are not necessarily discarded but may remain to coexist with and interact with the newer layers.”

¹⁷ O segundo critério, associado à história interna de um item, está relacionado ao princípio da persistência expandido (HOPPER, 1991), segundo o qual propriedades da história lexical (e também gramatical) do item em mudança tendem a aderir à nova forma gramaticalizada, podendo restringir seus usos.

¹⁸ A relevância do marcador *não tem?* para a comunidade (critério de natureza social) é justificada mais adiante.

¹⁹ O marcador *não tem?* é o RAD de uso mais recorrente na amostra Varsul/Florianópolis (VALLE, 2001) e o menos usado na amostra Brescancini-Valle (VALLE, 2014).

entendeu? e *não tem?* como camadas de uso recorrente no domínio funcional da requisição de apoio discursivo²⁰, conforme ilustrado a seguir.

(1) F: Assim:: pra se divertir? Ah, eu saio à noite assim, mas não na noite assim toda a hora, né? Eu vou na casa das minhas amigas, eu vou comer pizza, eu vou fazer um lan::che, eu:: eu vou dormir na casa de::las, *sabe?* coisa assim bem:: normalzinha assim. (BARRA02FJ8)²¹

(2) Ela conversava muito comigo. Eu [gos-] eu gostava muito de conversar, eu era novo. [Ela até]- ela, uma senhora de setenta, eu com... vinte e poucos anos, quer dizer, eu tinha cinquenta anos de experiência pra frente, *entendes?* Eu Sempre fui assim. (FLP04MAP:996)

(3) Aí também nós fizemos lá [uns]-... uns trabalhos assim [que]-... de comida, *não tem?* Aí um amigo meu levou [um]- o tang pro colégio. Levou tang e a gente fez tang e já tomamos tudo lá, ("tudo") baita pra caramba! (FLP14MJG:145)

Salienta-se que os dois primeiros marcadores são representados como tipos – *sabe?* e *entende?* ou *entendeu?*²² –, os quais recobrem ocorrências cujas formas são morfologicamente variáveis: *sabe(s)*; *entende(s)/entendeu/tá(s)/entendendo/entendesse* (essa última, realização assimilada de *entendeste*).

4.2 RADS e macrocategorias sociais

Valle (2001) analisou os RADS *sabe?*, *entende?* e *não tem?* na amostra Varsul/Florianópolis, submetendo-os a análise multivariada com o programa Varbrul 2S. Foram encontrados 521 dados, assim distribuídos: *sabe?* (203 = 39 %); *não tem?* (205

²⁰ Para mais detalhes sobre a operacionalização desses critérios, remetemos o leitor à tese de Valle (2014).

²¹ Os códigos significam, na sequência: a localidade, o número da entrevista, o sexo/gênero do informante e a escolaridade.

²² O tipo que representa as formas assumidas pelo marcador derivado de *entender* é *entende?* em Valle (2001) e, *entendeu?* em Valle (2014), por isso, neste texto, ora aparece um tipo ora outro para representar o conjunto das formas desse marcador.

= 39 %) e *entende?* (113 = 22 %). Nenhum dos grupos de fatores sociais testados (sexo/gênero, faixa etária e escolaridade) foi selecionado com significância estatística.

Considerando, então, somente a frequência de uso, a autora constatou os seguintes resultados: i) quanto à variável sexo/gênero – mulheres e homens apresentam uma distribuição equilibrada das ocorrências: 49 % e 51 %, respectivamente. Ao se olhar para cada item, no entanto, a configuração se altera: as ocorrências de *sabe?* se concentram entre as mulheres (72 %), enquanto *não tem?* e *entende?* são mais recorrentes entre os homens (67 % e 63 %, respectivamente); ii) quanto à variável faixa etária – em termos gerais, a distribuição dos marcadores é a seguinte: jovens (59 %), faixa intermediária (24 %) e faixa de mais idade (17 %). Um exame por item mostra que a direção dessa gradação se mantém entre as faixas etárias. Em termos de frequência, tal resultado indica que quanto mais jovens são os informantes, mais uso fazem dos RADs – o que pode indexicalizar uma identidade de grupo; iii) quanto à variável escolaridade – os níveis se apresentam relativamente equilibrados: primário (37 %), ginásial (28 %) e colegial (35 %). Considerando-se cada marcador, *não tem?* dispara entre os informantes com primário (67 %) e *entende?*, entre os de nível colegial (60 %); *sabe?* mostra-se de uso mais limitado entre os indivíduos com primário (15 %), distribuindo-se igualmente nos demais níveis de escolaridade.

A distribuição das ocorrências não é regular entre os indivíduos: quase a metade das ocorrências de *não tem?* (98 dados) são produzidas por um só informante do sexo masculino, bem como cerca de um terço das ocorrências de *entende?* (36 dados) são produzidas por um único informante também do sexo masculino; mais da metade dos marcadores produzidos pelos 12 jovens se concentra na fala de três deles; o informante que produz mais dados de *não tem?* tem nível primário e o informante que faz mais uso de *entende?* tem nível colegial. Tal enviesamento, além de prejudicar a realização de uma análise probabilística que calcule o efeito dos fatores sociais, interfere de modo significativo na frequência de uso por estrato apontada no parágrafo

precedente, sendo necessário relativizar aqueles resultados. Em vista disso, a autora concluiu que “a escolha das formas dos RADs parece ser pouco condicionada por padrões sociais, estando mais relacionada a atitudes individuais de cada informante, talvez influenciado por sua rede familiar” (VALLE, 2001, p. 147).

Ao colocar em evidência a dicotomia grupo social (representado pela célula social da estratificação) versus indivíduo, a descrição dos resultados acima mostra que uma análise na perspectiva dos estudos de primeira onda, que considera apenas macrocategorias sociais clássicas, pouco tem a dizer acerca do condicionamento social que incide sobre os RADs na amostra do Varsul/Florianópolis.

Valle (2014)²³ revisita o mesmo objeto, dessa vez na amostra Brescancini-Valle, tendo encontrado 1.624 ocorrências de RADs, assim distribuídos: *entende?* (943 = 58 %), *sabe?* (667 = 41 %) e *não tem?* (14 = 1 %). Diferentemente da amostra Varsul/Florianópolis, em que o marcador mais frequente é *não tem?*, na amostra Brescancini-Valle esse é o item menos usado. Semelhantemente à pesquisa anterior, e de acordo com o esperado, a análise desta pesquisa por células sociais também ficou comprometida, não só pelo enviesamento da amostra, mas porque, como vários estudos têm evidenciado – tal como Stubbe e Homes (apud MÜLLER, 2005) já haviam apontado para o caso de *you know* em inglês –, o uso de marcadores discursivos não se mostra sensível a macrocategorias sociais, provavelmente pelo fato de que estas não regem o funcionamento estilístico desses itens. Como captar, então, o valor social dos marcadores? Ou, mais especificamente, como captar o valor estilístico/identitário dos RADs? É disto que tratamos a seguir.

²³ Valle (2001) estava mais interessada em testar a relação entre os RADs e as macrocategorias sociais. Já Valle (2014) volta sua atenção para aspectos identitários.

4.3 RADs e identidade local

Os resultados expostos na seção precedente indicam que condicionadores sociais baseados em características da própria comunidade parecem fazer mais sentido para as investigações, já que o uso de alguns marcadores se mostra sensível a fatores relacionados à identidade local. Em Florianópolis, evidências da relação entre marcadores e identidade podem ser observadas em blogs e sites de apelo local, como nos trechos abaixo, retirados de Görski e Valle (2013, p. 125):

(4) O jornalista carioca José Ilan, titular máximo do blog do Ilan, está promovendo essa semana uma votação online para medir a popularidade dos times brasileiros na internet. Hoje de manhã o Avaí estava com 592 votos, 0,27% do total, o que o colocava um pouco atrás do Criciúma, Joinville e Figueirense. A disputa vai até as 23:59hs de hoje e quem sabe ainda possamos virar esse jogo. A essas alturas do ano, tá valendo participar até de campeonato de cuspe à distância. Clique aqui, acesse o blog e vote na opção certa. Na certa, **entendesse?** (SANTOS, 2011, grifo nosso)

(5) Enquanto nossa Seleção era derrotada aqui na Alemanha, aí na terrinha descansava o amigo Pico, do Pico Automóveis, **não tem?** Manezinho premiado, fanático por tudo que era ligado ao futebol, ex-presidente do Avaí – triste ironia –, caiu junto com a Seleção, depois de meses heroicamente convivendo com a terrível enfermidade. Pico nos deixou exatamente no sábado, dia "D", dia da Desilusão. (MENEZES, 2006, grifo nosso)

Os exemplos ilustram o uso de dois marcadores rotineiramente identificados com o falar local. No primeiro trecho, no blog de um torcedor do Avaí (um dos times de futebol da cidade) que se denomina “legítimo manezinho da ilha”, *entendesse?* – marcador que é frequentemente usado pelo torcedor em suas postagens – reflete a sua forte identificação com Florianópolis. No segundo trecho, um dos colunistas sociais mais conhecidos na cidade, ao comentar o falecimento de um amigo, também natural de Florianópolis e reconhecidamente identificado com suas raízes, usa *não tem?* para dar o tom de regionalidade da notícia.

Também são encontrados dados de *tendesse?* na página de relacionamento na internet “Os manezinho pira”, que trata de assuntos do dia a dia de Florianópolis por meio de memes²⁴.

Figura 1 – Memes com dados de *tendesse?*



Fonte: OsManezinhoPIRA (2012).

Ao que parece, *tendesse?* é utilizado nos memes prioritariamente com duas funções: i) como elemento de interação com o leitor, já que o uso desse tipo de rede social prevê essencialmente a interação – quanto maior o número de “curtidas” e a quantidade de “compartilhamentos”, melhor; e ii) como marca de identidade compartilhada, como se a mensagem para o leitor fosse: “tu, que compartilhas dessa cultura comigo e entendes inclusive o que *tendesse?* significa, sabes do que estou falando”. O papel de *não tem?* como marca de identidade local também parece ser tão evidente que o item é mencionado em matéria do Jornal Diário Catarinense sobre o significado de “ser manezinho”, como se observa na passagem a seguir.

Para ser manezinho não basta ter nascido em uma das maternidades da Ilha. É preciso ter o espírito que caracteriza o ilhéu. Isso pode ser na simplicidade de viver, na forma de respeitar as tradições da terra, no jeito de falar. Como, por exemplo, dizer entisicar e não provocar. Ou terminar a frase com a expressão “**não tem?**” (BASTOS, 2012, grifo nosso).

²⁴ Cf. Figura 1.

Tal item, como já dito, é encontrado em grande número na amostra Varsul/Florianópolis; já na amostra Brescancini-Valle, as ocorrências de *não tem?* são raras. Vejamos algumas dessas ocorrências:

(6) Eu acho que é bom a pessoa estudar, né? não pode ficar como nós no tempo, **não tem?** até o primário... não pode. (BARRA38FB4-13:15)

(7) Se não tivesse aquele aterro. Tu tás sabendo onde é o ponto geral do ônibus agora da Barra e de todos ponto do ônibus (est) (inint) quando para que é o terminal do ônibus, **não tem?** (est) aquilo ali era mar (est) aquilo ali foi aterrado. (BARRA44MB5-41:20; 41:27)

(8) E: E:: assim:: o seu pai nunca foi pescador? Porque vários [(inint)]
F: [Sim, sim,] ele:: antes de começar a trabalhar na:: na COMCAP ele era pescador... ele:: (hes) é:: trabalhava nesses barco antuneiro, **não tem?**... que sai lá de::... Itajaí:: fica:: no mar vários dias, meses. (BARRA04FJ9:Faixa1-02:54)

Excluindo da análise quantitativa os dados de *não tem?* por conta da baixa frequência (14 dados), Valle (2014) concentra sua atenção no papel da forma *entendesse?* como marca de identidade local. Duas considerações devem ser registradas aqui: i) por um lado, tal marcador, isoladamente, não é responsável por identificar ou não falantes florianopolitanos, pois há de se considerar que a) vários traços de identidade, apenas quando tomados coletivamente, produzem efetivamente identificação²⁵; e b) *entendesse?* não se constitui como marca exclusiva do falar ilhéu, sendo também associado à fala de outras comunidades em conjunto com outros traços; ii) por outro lado, *entendesse?* – juntamente com *sabes?* e *tás entendendo?* e em contraste com formas neutras²⁶ como *sabe?*, *entende?*, *entendeu?* e *tá entendendo?* – pode ser

²⁵ (cf. SEVERO; NUNES DE SOUZA, 2105).

²⁶ São consideradas formas neutras aquelas despidas de qualquer vestígio morfológico que remeta à segunda pessoa do singular; e formas marcadas aquelas que retêm sinais de segunda pessoa (-sse, -s).

tomado como marca que, em conjunto com outros traços, tem potencial de caracterizar o falar do nativo de Florianópolis.

Se, nesse ponto, o valor identitário de alguns RADs parece ser evidente, resta saber que procedimentos metodológicos seriam adequados para captá-lo analiticamente. Acreditamos que o primeiro passo seria considerar que um outro olhar deve ser dado ao conteúdo das entrevistas sociolinguísticas. As pesquisas na esteira laboviana clássica priorizam o olhar quantitativo e lidam com informantes que fornecem dados, pertencem a uma comunidade basicamente pelo fato de terem nascido nela e são tomados como tipos sociais estratificados em categorias amplas. A entrevista é tida como momento de extrair informações do entrevistado, exercendo o entrevistador a menor influência possível. Já em uma visão construcionista, alinhada aos estudos pós-modernos, a entrevista é espaço de (re)construção de sentidos e da própria realidade na interação, havendo menor rigidez em sua estruturação e na definição de papéis e funções de entrevistador e entrevistado (SILVERMAN, 2001; ROLLEMBERG, 2013).

Com um olhar etnográfico mais amplo e partindo da ideia de que são as práticas locais que forjam teorias e metodologias (MAKONI; MEINHOF, 2006; KUMARAVADIVELU, 2012), seria pertinente ter como ponto de partida o fenômeno (ou estilo) e as questões identitárias a ele relacionadas e formular uma entrevista específica com questões e módulos que possibilitassem o controle de grupos de fatores extralinguísticos pensados tendo por base questões relevantes para a comunidade. Contudo, como as entrevistas da amostra Brescancini-Valle não foram coletadas para o propósito específico de analisar os RADs, foi necessário “fazer o melhor uso de maus dados”²⁷ (LABOV, 1994, p. 11), com esquadramento minucioso das entrevistas, identificando a recorrência de certos tópicos, bem como todo o tipo de informação relevante para a sistematização de grupos de fatores extralinguísticos passíveis de

²⁷ “[...] making the best use of bad data”.

controle e que emergem da própria entrevista, tais como: informações sobre o indivíduo entrevistado, os traços linguísticos do indivíduo, a comunidade, a relação do indivíduo com a comunidade, os tópicos abordados na entrevista e sua organização, a relação do indivíduo com certos tópicos, a situação da entrevista, o estado emocional do entrevistado, a relação do indivíduo com o entrevistador, os comentários e avaliações metalinguísticas, a presença e interferência de terceiros durante a entrevista, dentre tantas outras.

Intuitivamente atenta a tais questões, Valle (2014) esperava encontrar algum tipo de correlação entre o uso dos MDs e as tensões identitárias já pontuadas sobre a comunidade da Barra da Lagoa. A hipótese era que os indivíduos com maior grau de identificação com a comunidade fariam maior uso dos RADs considerados como marcas locais presentes na amostra (*entendesse?, sabes? e tás entendendo?*).

Buscando medir o vínculo dos indivíduos com a comunidade, foram estabelecidas três variáveis independentes, sendo algumas delas compostas por um somatório de traços: A) *características da fala dos florianopolitanos*, que abarca i) velocidade da fala, prosódia característica e escolhas lexicais; ii) palatalização da consoante fricativa alveolar não morfêmica em posição de coda; iii) realização das oclusivas alveolares diante de /i/ (como em *tia* e *dia*); B) *localismo/mobilidade*, que engloba i) mobilidade e abertura para fora dos limites da comunidade; ii) participação/apego à comunidade; iii) atividades exercidas pelo informante e/ou pelos seus familiares; e C) *avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos*²⁸.

Posteriormente, objetivando promover uma análise multidimensional relacionada a aspectos identitários, foi proposta a junção dessas três variáveis para a composição de uma variável complexa chamada *Grau de identificação com o local*. Tal variável (que apresenta resultado numérico escalar entre 1 e 7) foi pensada como artefato metodológico capaz de integrar as variáveis independentes isoladas (A, B e

²⁸ Maior detalhamento sobre a caracterização e o controle das variáveis encontra-se em Valle (2014).

C), fornecendo uma visão ampla da identificação dos informantes com a localidade da Barra da Lagoa²⁹. Vejamos os resultados na Tabela 1.

Tabela 1 – Influência da variável complexa *grau de identificação com o local* sobre o uso de marcas de identidade *vs.* formas neutras.

Variável complexa: grau de identificação com o local	Ap/T	%	PR
Maior grau de identificação com o local	271/427	64	0,97
Grau intermediário	68/420	16	0,70
Menor grau de identificação com o local	8/763	1	0,07
TOTAL	347/1.610	22	

Fonte: adaptado de Valle (2014, p. 356).

Os resultados obtidos revelam que o uso de RADs tomados como marcas de identidade é fortemente favorecido entre informantes com *maior grau de identificação com o local* (0,97) e praticamente nulo entre informantes com *menor grau de identificação com o local* (0,07). Tal resultado e a gradiência percebida através do grau intermediário (0,70) conferem aos três RADs, principalmente a *entendesse?* (que se apresenta em maior número), o status de marcadores de identidade local, nesse caso, de identidade florianopolitana nativa.

Valle (2014) não assume vínculo explícito com nenhuma das três ondas dos estudos variacionistas. Mesmo assim, é possível considerar que, na medida em que a autora correlaciona aspectos sociais locais que interessam para a comunidade investigada com a análise de MDs tomados como marcas de identidade, há características do que se configuraria como um estudo de segunda onda. Tal como em Martha's Vineyard, interessa o olhar de cunho etnográfico para uma ilha que tem

²⁹ Foram feitos amálgamas e ficamos com três fatores para a variável complexa: *menor grau de identificação com o local* (juntando os valores de 1 a 3,5), *grau intermediário* (juntando os valores de 4 a 5,5) e *maior grau de identificação com o local* (juntando os valores de 6 a 7).

recebido novos moradores e turistas e como os conflitos que daí emergem estão correlacionados com os usos linguísticos.

Além de identidade local, a variável complexa descrita anteriormente é capaz de indicar uma diferenciação entre os indivíduos entrevistados. Dentro da amostra há um grupo em particular cujos integrantes, além de nativos, também se identificam com o local onde moram, o que pode estar refletindo uma divisão importante existente no próprio bairro, ou seja, uma microcomunidade dentro da comunidade maior. Nesse sentido, os resultados gerais para a variável complexa *grau de identificação com o local* nos mostram que o uso de RADs pode nos dar alguns indícios sobre os movimentos de pertencimento na Barra da Lagoa.

No cômputo geral, o número de RADs caracterizados como marcas de identidade (*entendesse?, sabes?, tás entendendo?*) é relativamente pequeno, somando 347 ocorrências (22 % do total de 1.610 dados), o que, em conjunto com a diminuição de outros traços locais, poderia estar associado a uma atitude de submissão de parte dos indivíduos a uma cultura homogeneizada implementada pela mescla de novos moradores. Tal comportamento mostra-se mais evidente entre os jovens, que parecem não demonstrar atitude de pertencimento à comunidade local mediante o uso de marcadores, se considerarmos que entre eles há apenas um dado de *entendesse?*. Fato semelhante ocorre em relação à suavização da centralização do ditongo /ay/, verificada na ilha de Martha's Vineyard por Blake e Josey (2003), 40 anos depois da realização da clássica investigação de Labov, mostrando que a centralização vai diminuindo com o tempo, principalmente entre os mais jovens. Ainda assim, o fato de que os RADs, que são marcas locais, sejam usados por indivíduos que alcançam índices altos na variável complexa – manifestando explicitamente sua afetividade pelo bairro e pelas tradições locais ao mesmo tempo em que rejeitam o contato com os moradores não nativos – indica uma postura de pertencimento e identificação com o local.

A partir dos resultados é possível supor, via conceito de indexicalidade de Silverstein (2003 apud ECKERT, 2008), que *(en)tendesse?* (associado a *sabes?* e *tás entendendo?*): i) se, por um lado, pode ser tomado como um *indicador* – índice de primeira ordem que indexa membros em uma comunidade; ii) por outro, pode ser tomado como um *marcador* – índice de segunda ordem, se considerarmos que, associado à avaliação social da comunidade e usado para expressar o posicionamento dos indivíduos sobre a valorização de uma cultura local, adquire um componente ideológico. Fato que reforça o caráter ideológico associado ao uso de *(en)tendesse?* é sua presença constante na já mencionada página “Os manezinho pira”, no sentido de sinalizar identidade compartilhada. A atitude responsiva de muitos internautas contribui ainda mais para delinear essa atuação, que parece estar para além do plano da identificação com a cultura local.

Essa plasticidade do valor simbólico do signo linguístico é denominada por Eckert (2016) de “dinamismo indexical”. Como já adiantado³⁰, a autora ressalta que o estudo de Labov na ilha de Martha’s Vineyard (1963) pode ser tomado como precursor dos estudos de terceira onda e um exemplo didático do dinamismo indexical. A pronúncia centralizada dos ditongos /ay/ e /aw/ (*price, mouth*) na ilha, contrária à pronúncia do inglês padrão presente no continente, a princípio poderia ser interpretada como um índice de identidade local, como uma das formas que compõem o estilo vieynardense mais conservador. No entanto, Labov descobriu que, mesmo diante da diminuição da centralização, a pronúncia centralizada era mantida e reforçada por alguns dos moradores, principalmente os pescadores, descontentes com a entrada cada vez mais numerosa de turistas e com as mudanças nas tradições locais. Nesse sentido, a centralização, que indexalizava *falante nativo*, passa a “indexicalizar uma posição particular em um conflito ideológico local”³¹ (ECKERT, 2016, p. 8) e, mais

³⁰ Cf. Seção 2.

³¹ “to index a particular stance in a local ideological conflict”.

do que “vieynardense”, passa a designar “um tipo específico de vieynardense”, que tem apreço pelas tradições locais e se opõe ideologicamente à ocupação da ilha.

4.4 RADs e constituição de *persona*

Para além de assumirem significado como marcadores de identidade local, como índice daquele que é *barrense/florianopolitano*, e de carregar significado ideológico de pertencimento e atitude positiva em relação às tradições e práticas locais, sugerimos que os RADs cumprem papel relevante na constituição de *personas* (também de interesse nos estudos de terceira onda). Ao que parece, alguns RADs têm o potencial de caracterizar identidades e/ou indivíduos, sendo usados na construção de personagens em algumas novelas e também para compor a caracterização de alguns humoristas. Para citar alguns exemplos: i) na novela Torre de Babel, exibida em 1998 pela Rede Globo, há um personagem que usa *percebe?* de forma muito recorrente e passou a ser chamado de *percebe* pelos demais personagens da trama; ii) na novela Avenida Brasil, exibida em 2012 pela Rede Globo, o personagem *Leleco* costumava usar *entendeu?* de forma recorrente para caracterizar o tipo *malandro carioca*; iii) em 2002, a humorista Heloísa Perissé recorria ao uso frequente de *tá ligado?* para caracterizar a fala de uma adolescente que interpretava em quadro do programa de televisão Fantástico; iv) vários humoristas e imitadores recorrem ao uso exagerado de *entende?* para caracterizar a fala de Pelé (VALLE, 2014).

Em Florianópolis, o humorista Alceu Ramos Conceição, que interpreta *Odilho, Manezinho da Ilha* em shows de comédia, representando um típico morador mais velho do interior da Ilha, faz uso frequente de *não tem?*, tanto na modalidade oral quanto na escrita, em seus causos postados em página de rede social. Já *Darci*, personagem interpretado pelo ator e cantor Moriel Costa em shows de *stand up comedy*, também em Florianópolis e região, faz uso frequente de *tendesse?* para caracterizar o falar ilhéu.

Os resultados das pesquisas de Valle (2001, 2014) também indicam curioso comportamento dos indivíduos quanto ao uso dos RADs. Em relação à amostra Varsul/Florianópolis, como já pontuado, dos 36 indivíduos entrevistados, dois não produzem RADs, 13 utilizam apenas um dos marcadores investigados, 13 usam alternadamente dois marcadores e apenas oito fazem uso das três formas. Quanto à amostra Brescancini-Valle, a maioria dos indivíduos opta por uma forma de RAD, deixando as demais formas de lado, ou usando-as em número bem menor³². Tal comportamento é mais evidente entre os jovens e os indivíduos de meia-idade, já que os mais velhos, além de apresentarem uso menor dos RADs em geral, costumam variar um pouco mais as formas escolhidas. Ao que parece, a escolha por uma ou outra forma é motivada em grande medida por aspectos identitários, estilísticos, ideológicos, geracionais e também por escolhas individuais.

A título de exemplo, o informante 27 do corpus analisado por Valle (2014) – homem de meia-idade e com oito anos de escolarização – faz uso quase exclusivo de *(en)tendesse?* (totalizando cerca de metade dos dados desse RAD na amostra: 134 em 303 dados no total), e usa *sabe?* e *sabes?* uma vez cada. Além do uso do RAD mencionado, o barrense apresenta outras características do falar local, tais como: o uso de *tu*, alternância entre o uso do /r/ velar e o do /r/ lateral (comum entre os mais velhos), /s/ palatal, maior uso de /d/ e /t/ sem palatalização, fala extremamente acelerada e presença de termos locais ou pronunciados de acordo com a fala local ('hozi' para 'hoje', 'magi' para 'mais' e 'umensidade' para 'imensidade'). Analisando mais atentamente o comportamento desse indivíduo, percebe-se que apresenta alto grau de identificação com o local: 6,5 de pontuação para o máximo de 7 na variável complexa³³, perdendo apenas meio ponto na variável *localismo/mobilidade* pelo fato de trabalhar

³² Esse mesmo tipo de distribuição já havia sido observado por Dal Mago (2001), já que, de acordo com seus resultados, os informantes, ao optarem pelo uso de *quer dizer*, não faziam uso de *vamos dizer* e vice-versa.

³³ Cf. seção anterior.

como cobrador de ônibus. Nota-se, no entanto, que o entrevistado cumpre o itinerário bairro-centro-bairro, mantendo contato estreito com os moradores da comunidade, além de trabalhar como pescador nas horas vagas. Observa-se, através de relatos na entrevista, que a vida do informante sempre foi voltada à comunidade e às tradições locais, assumindo postura bastante ativa em relação às demandas do bairro e expressando explicitamente opinião muito negativa em relação aos moradores não nativos, ao mesmo tempo em que revela seu apego pelo bairro, tal como se evidencia nos trechos a seguir:

(Sobre os moradores de fora)

Acontece qualquer coisa de ruim aqui na Barra. Quem que é? É gente de fora porque a popu- a turma da Barra que (hes) mora aqui, a população não faz, não briga com ninguém, não maltrata, mas chega gente de fora e aí:: faz- roubam ou brigam e:: Quem é que sabe quem foi? Porque tem muita gente, é porque:: muita gente aí que:: Como se diz? Tem pousa::da que alu::ga... **tendesse?** que aí as pessoa mo::ram, aí não sabe quem é que tu bota quem é que tu não bota... deveria ter de um tipo de um cadastro. (BARRA27MA8:Faixa1-29:15)

(Sobre seu apego pelo lugar onde mora)

Aqui eu tô em casa, né? aqui eu me dou com todo mundo, com a população... **tendesse?** (hes) Sair daqui pra onde? Morar no Centro que é mais movimentado, que é mais- ah, então aqui não, aqui eu tô mais tranquilo com a família, que (hes) que é uma excelente família, então eu vivo tranqui::lo... **tendesse?** aqui eu vou ali:: falo com os pes- pescadores, tô aqui vou na minha mãe que mora perto da praia, falo com um amigo, falo com outro, jogo um dominó, um baralho, que fica passando o dia até o outro dia do- dormir pra ir trabalhar, né? (BARRA27MA8:Faixa2-26:13; 26:24)

Não é possível dizer em que medida o uso exclusivo e produtivo de *(en)tendesse?* pelo informante 27 expressa identidade local, pertencimento ao local, ou contribui para a constituição de uma *persona* típica do local, o chamado *manezinho da ilha*. Na verdade, acreditamos que todos esses aspectos estejam relacionados, assim como está sempre imbricado o par indivíduo-sociedade. Dessa forma, embora o foco

das pesquisas da Sociolinguística Variacionista comumente tenha sido a comunidade e não o indivíduo, o que os estudos de terceira onda têm apontado é que as escolhas individuais, sejam elas conscientes ou não, interessam para revelar o lugar e a postura do indivíduo em uma paisagem semiótica, entendida por Eckert como

uma matriz imaginária de tipos sociais, diferenciados de acordo com aspectos sociais e fundamentando a variabilidade linguística na ideologia. É pela participação nessa paisagem que os falantes produzem e percebem – e aceleram – as mudanças em progresso. Os falantes, engajados em práticas estilísticas, constroem personas, de acordo com as possibilidades oferecidas pela paisagem. Assim, a adoção de uma mudança é um ato performativo, não necessariamente consciente, pelo qual o indivíduo define seu lugar imediato na paisagem social. [...] O falante, um agente estilístico, analisa figuras da paisagem relacionando diferenças linguísticas com diferenças sociais. Assim, a mudança não “chega” ao falante, ela já se encontra na paisagem e os falantes a adotam caso lhes seja útil (ECKERT, 2017, p. 1)³⁴.

Nessa mesma direção, Beckett (2003) já havia apontado a relevância de colocar foco no indivíduo ao observar os usos da comunidade, argumentando que a comunidade não pode ser tomada de modo homogêneo, já que nem todos os indivíduos falam da mesma maneira, variando de acordo com seu estilo pessoal e identidade.

O que procuramos mostrar é que o olhar para macrocategorias sociais clássicas pode nos trazer algumas informações relevantes (sobre o comportamento de grupo dos jovens, por exemplo), mas não é suficiente para descrever o uso dos RADs na

³⁴ “The landscape is an imagined array of social types, distinguished on the basis of social issues and grounding linguistic variability in ideology. It is through participation in this landscape that individual speakers produce and perceive – and accelerate – changes in progress. Speakers engage in stylistic practice to construct personae in the moment, based on the range of possibilities offered in the landscape. Thus the adoption of a change is a performative act, not necessarily a conscious one, by which the individual resolves his or her immediate place in the social landscape. [...] The speaker, a stylistic agent, parses figures in the landscape relating linguistic differences to social differences. Thus change doesn’t just “arrive” at a speaker; it is already there in the landscape, and speakers adopt it if it is useful.”

comunidade investigada. Para dar conta disso, é necessário ir além, considerando o valor local dos marcadores em análise, bem como os movimentos ideológicos envolvidos e as posturas individuais correlacionadas ao seu uso.

5. Considerações finais

Neste artigo, discutimos o tratamento variacionista de marcadores discursivos interacionais, mais especificamente de itens conhecidos como requisitos de apoio discursivo (RADs), com foco no significado social e estilístico desses itens. Contextualizamos, teoricamente, a questão desses significados no âmbito das três ondas dos estudos variacionistas, com especial atenção à identidade, relacionando o fenômeno em tela com tais significados. Por fim, revisitamos dados analisados por Valle (2001, 2014) em amostras de fala florianopolitana: i) buscando evidenciar a importância de se examinar minuciosamente cada entrevista sociolinguística em busca de informações que subsidiem a análise de fenômenos linguísticos; ii) relacionando o uso de RADs a macrocategorias sociais, à identidade local e ao indivíduo, considerando aspectos ideológicos e a construção de *personas*; e iii) mostrando como o significado social se desloca de categorias macrosociológicas para categorias demográficas e socioculturais locais, passando a ser associado a aspectos identitários e estilísticos. Podemos concluir, nos termos de Kiesling (2013, p. 465), que “a construção da identidade não é local ou global, micro ou macro, mas representa uma dialética entre esses níveis”³⁵. Logo, a constituição de *persona* interage com a identidade local e a identidade social mais geral.

Por fim, tendo em vista que existem no Brasil inúmeros bancos de dados de fala constituídos por entrevistas sociolinguísticas (gravadas a partir da década de 1980), acreditamos que, do ponto de vista metodológico, uma contribuição significativa deste

³⁵ “Identity construction is neither local nor global, micro nor macro, but represents a dialectic between them.”

trabalho é justamente mostrar que a entrevista sociolinguística pode ser o lócus de significados estilísticos e identitários que vão além dos significados sociais atrelados a categorias macrosociológicas que estratificam os informantes, e que é possível desenvolver mecanismos metodológicos que permitam captar a dinâmica local da variação socioestilística, considerando o papel agentivo do falante. Nesse sentido, o desafio que se coloca ao pesquisador é o de propor novas formas de abordagem da entrevista sociolinguística que permitam refinar o tratamento analítico de informações de caráter social, estilístico e identitário que delas emergem.

Referências

BASTOS, A. Homenageados com Medalha Aldírio Simões dizem o que é ser manezinho. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 06 jun. 2012. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/homenageados-com-medalha-aldirio-simoes-dizem-o-que-e-ser-manezinho>. Acesso em: 07 jul. 2012.

BECKETT, D. Sociolinguistic individuality in a remnant dialect community. **Journal of English linguistics**, v. 31, n. 1, p. 3-33, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1177/0075424202250294>

BEECHING, K. La co-variation des marqueurs discursifs bon, c'est-à-dire, enfin, hein, quand même, quoi et si vous voulez: une question d'identité?. **Langue française**, n. 154, p. 78-93, 2007.

BENTES, A. C.; MARIANO, R. D. A linguagem dos manos: é possível falar sobre um registro popular paulista? *In*: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. da (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad, p. 147-161, 2013.

BLAKE, R.; JOSEY, M. The /ay/ diphthong in a Martha's Vineyard community: what can we say 40 years after Labov? **Language in Society**, v. 32, n. 4, p. 451-485, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0047404503324017>

BUCHOLTZ, M. From stance to style: Gender, interaction, and indexicality in mexican immigrant youth slang. *In*: JAFFE, A. (ed.) **Stance: Sociolinguistic Perspectives**. New York: Oxford, 2009, p.146-170.

CARRANZA, I. E. La indicidad en la interacción y el contraste entre perspectivas teóricas sobre marcadores discursivos. In: NEGRONI, M. M. G. (ed.) **Actas del II Coloquio Internacional Marcadores del discurso en lenguas románicas: un enfoque contrastivo**. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2012, p. 24-34. e-book.

CLARAMUNT, M. C. **Configuração urbana e identidade espacial**: estudo de localidades praianas na Ilha de Santa Catarina. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

COUPLAND, N. **Style**: language variation an identity. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

DAL MAGO, D. **Quer dizer**: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização. 2001. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

ECKERT, P. The individual in the semiotic landscape. In: **4th Workshop on Sound Change**. University of Edinburgh. Edinburgh, Scotland (U.K.), 2017. Disponível em <http://www.lel.ed.ac.uk/wsc/img/inv/Eckert.pdf>. Acesso em: 10 maio 2017.

ECKERT, P. Third Wave Variationism. **Oxford Handbooks Online**, 2016. DOI: [10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-27](https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-27).

ECKERT, P. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of variation. **Annual Review of Anthropology**, n. 41, p. 87-100, jun. 2012. DOI: [10.1146/annurev-anthro-092611-145828](https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-092611-145828)

ECKERT, P. **Three Waves of Variation Study**: The emergence of meaning in the study of variation. 2005. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/89d3/de3d9d756fd39cd0b2b1270c309feb4a49a7.pdf> . Acesso em: 12 abr. 2017.

ECKERT, P. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (ed.). **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 119-126.

ECKERT, P. **Language variation as social practice: The linguistic construction of identity in Belten High**. Blackwell: Oxford, 2000.

FANTIN, M. **Cidade dividida**. Florianópolis: Futura, 2000.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. Marcadores em competição no domínio funcional da “requisição de apoio discursivo”. *In*: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. da (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013, p. 113-129.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização *In*: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (org.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola. 2017, p. 35-63.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, v.15, n.1/2, p. 79-101, 2013.

GUMPERZ, J. J.; COOK-GUMPERZ, J. Studying language, culture, and society: Sociolinguistics or linguistic anthropology? **Journal of Sociolinguistics**, v. 12, n. 4, p. 532-545, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9841.2008.00378.x>

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M. **Sociolinguistic Styles**. John Wiley & Sons, 2016.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. *In*: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. v. 1 e 2, p. 7-35.

KIESLING, S. F. Constructing identity. *In*: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING, N. (ed.). **The handbook of language variation and change**. 2. ed. Cambridge: Blackwell, 2013, p. 448-467.

KUMARAVADIVELU, B. **Language teacher education for a global society: A modular model for knowing, analyzing, recognizing, doing, and seeing**. New York: Routledge, 2012.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAVANDERA, B. Where does the linguistic variable stop? **Language and Society**, v. 7, n. 2, p. 171-182, 1978.

MACAULAY, R. You know, it depends. **Journal of Pragmatics**, v. 34, n. 6, p. 749-767, 2002. DOI: [10.1016/S0378-2166\(01\)00005-4](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(01)00005-4)

MAKONI, S.; MEINHOF, U. Linguística aplicada na África: desconstruindo a noção de língua. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 191-213.

MÜLLER, S. **Discourse markers in native and non-native english discourse**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

NÚÑEZ, A. S. M. Los marcadores interrogativos de control de contacto en el corpus PRESEEA de Santiago de Chile. **Boletín de Filología**, v. 46, n. 2, p. 135-166, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-93032011000200006>

OS MANEZINHO PIRA. Disponível em: <https://www.facebook.com/OsManezinhoPIRA/>. Acesso em: 28 fev 2014.

PAGOTTO, E. G. **Variação e identidade**. 2001. 327 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Univesidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 109-128.

ROLLEMBERG, A. T. V. M. Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados. In: BASTOS, L. Cabral; SANTOS, W. S. (org.). **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2013, p. 37-46.

ROMAINE, S. On the problem of syntactic variation and pragmatic meaning in sociolinguistic theory. **Folia Linguistica**, n. 18, p. 409-439, 1984.

SCHIFFRIN, D. Discourse markers: language, meaning and context. **The handbook of discourse analysis**. Malden, MA: Blackwell, 2001. p. 54-75.

- SCHIFFRIN, D. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SCHILLING, N. Investigating stylistic variation. *In*: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING, N. (ed.). **The handbook of language variation and change**. 2. ed. Cambridge: Blackwell, 2013. p. 327-349.
- SEVERO, C. G.; NUNES DE SOUZA, C. M. Identidade e língua na ilha de Santa Catarina: sobre a relação entre o manezinho e o manezês. *In*: SAVEDRA, M. M. G.; MARTINS, M. A.; HORA, D. da (org.). **Identidade social e contexto linguístico no português brasileiro**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2015, p. 13-36.
- SILVA, G. M. de O.; MACEDO, A. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. *In*: MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (org.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 11-49.
- SILVERMAN, D. **Interpreting qualitative data: methods for analyzing talk, text and interaction**. 2 ed. Londres: SAGE, 2001.
- TAGLIAMONTE, S. A. **Analysing sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003. 286 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. *In*: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 249-270.
- TERKOURAFI, M. The pragmatic variable: toward a procedural interpretation. **Language in Society**, v. 40, n. 3, p. 343–372. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0047404511000212>
- URBANO, H. Marcadores conversacionais. *In*: PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 1997, p. 81-101.
- VALLE, C. R. M. **Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas**

e identitárias em competição. 2014. 415 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VALLE, C. R. M. **Sabe? ~ não tem? ~ entende?:** itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo. 2001. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (org.). **Variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Coleção Linguística. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014, p. 93-121.

Artigo recebido em: 26.01.2019

Artigo aprovado em: 06.06.2019